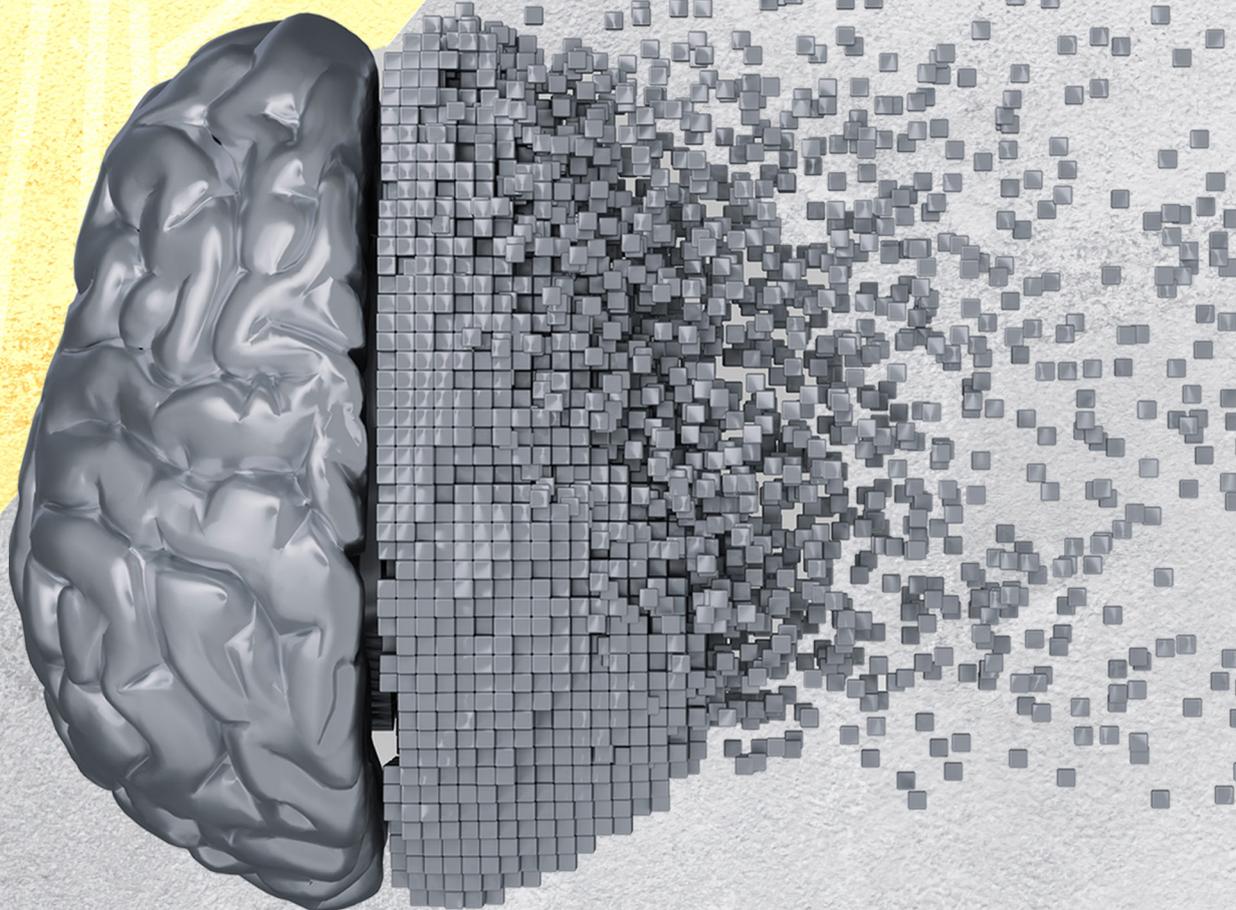


A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO NAS CIÊNCIAS HUMANAS 2

Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)



Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)

A Produção do Conhecimento nas Ciências Humanas 2

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Natália Sandrini e Lorena Prestes

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

P964 A produção do conhecimento nas ciências humanas 2 [recurso eletrônico] / Organizadora Solange Aparecida de Souza Monteiro. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (A Produção do Conhecimento nas Ciências Humanas; v. 2)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader.

Modo de acesso: World Wide Web.

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-278-4

DOI 10.22533/at.ed.784192404

1. Antropologia. 2. Ciências humanas – Pesquisa – Brasil.
3. Pesquisa social. I. Monteiro, Solange Aparecida de Souza. II. Série.

CDD 301

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Chega mais perto e contempla as palavras.

Cada uma

Tem mil faces secretas sobre a face neutra

E te pergunta, sem interesse pela resposta,

Pobre ou terrível, que lhe deres:

Trouxeste a chave?

Drummond

O livro faz parte da publicação de três volumes reuni trabalhos e pesquisas realizadas por acadêmicos de universidades realizadas na diversas Regiões do Brasil. O rigor metodológico e científico presentes na elaboração do livro revela a seriedade e a profundidade com que os temas foram tratados, por isso, trata-se de uma leitura necessária e obrigatória para quem pretende fazer ciência no Brasil. Faço deslizar lentamente os meus olhos pela linha de palavras que compõem o tema deste livro, sendo o meu primeiro desafio: qual face dessas palavras, entre as mil que possam ter, escolherei para tecer o fio que me permitirá entrar e sair do labirinto deste texto, de saída, que o discurso daquele que analisa não pode ter a aspiração de ser o avesso de discursos outros (do filósofo, do educador, da histeria, do mestre na intenção de passar-lhes a purificado).

Gostaria de me deixar levar pelos pensamentos que me arrebatam no processo que ora início de me haver com a provocativa questão: afinal, qual a importância dos conhecimentos produzidos por nós mesmos na área das chamadas Ciências Humanas?

Contudo, sinto-o agora, o começo de qualquer discurso, como reconheceu Foucault, é angustiante. Ele, que tratou com seriedade e rigor o tema, sentiu o forte o peso que lhe conferia a linguagem em sua aula inaugural no Collège de France. Em sua fragilidade humana confessou:

Ao invés de tomar a palavra, gostaria de ser envolvido por ela e levado bem além de todo o começo possível.(...) (p.5)

Escrever é como falar, uma captação de palavras; encontrar aquelas apropriadas para dar forma ao pensamento promove a obstinação de um arqueólogo. Percebo que a língua é uma matéria prima indócil. Em primeiro lugar, porque quem escreve luta com palavras, como escreveu Drummond (*O lutador*). Em segundo, porque força o autor no confronto com a própria solidão, com a lacuna de “algo que pudesse ter estado sempre aí” e pudesse, simplesmente, deixar-se (con) fundir.

Isso me faz refletir sobre a produção de conhecimento, quase sempre nos referimos à construção de saberes apontados sob a forma escrita. Nos meios acadêmicos essa é, ao mesmo tempo, uma exigência das agências de fomento e uma forma de controle institucional de produção. Somos impelidos a escrever e a estar cada vez mais em solidão. O risco que corremos: terminarmos por nos afastar do mundo e dos papéis

que, nas ruas, nas esquinas, em nossas casas e classes tornam a vida um movimento coletivo de fazer, desfazer e compreender o cotidiano. Meio da cultura viva, que pulsa, lateja, vibra e produz conhecimentos.

Alguns poderiam ajustar que quem fala não escolarizado compartilha e participa da produção do que se indica, carente, despectivo, desdenhativo de “senso comum”. Outros rebateriam, considerando que todo saber produzido coletivamente, nos esforços diários que fazem as pessoas para entenderem a vida, é uma configuração legítima e considerada e qualificada de conhecimento. Alguém, por seu turno, poderia se acelerar em responder: “Mas o que o povo produz são compreensões leigas e estamos, aqui, falando de sistemas de verdades produzidas pelas ciências humanas, produzidos não nas ruas, mas em centros de pesquisas e universidades. ” Temos, nesse “esclarecimento”, o desvelamento da divisão bem conhecida entre saber acadêmico e saber popular.

O risco do banimento da vida vivida pelos personagens que, incongruente, pretendemos pesquisar, se torna fato abalizado pelas fronteiras geográficas e fixas que criamos para constituir aqueles mesmos centros e universidades. O medo, prenuncio e ameaça, de sofrermos agressões por esse mundo que nos parece exterior, nos fazem idealizar, planejar e criar novas estratégias de confinamento espacial e sendo assim colocamos cercas em todo o espaço que acolhe as construções em que trabalhamos.

“Um acontecimento vivido é finito, ou pelo menos encerrado na esfera do vivido, ao passo que o acontecimento lembrado é sem limites, porque é apenas uma chave para tudo que veio antes e depois.”

Walter Benjamin

Ficamos nós como salvos para estarmos sempre às bordas com nossa produção escrita e com a tarefa de calcular cada novo texto, assim que concluído, nas diversas formas de registro, para, logo em seguida, recomeçarmos o mesmo ciclo. Vemo-nos absorvidos por uma rede de protocolos que consome tempo e nos rouba a vida partilhada com nossos próprios. Se isto só não fosse suficiente, por sermos avaliados pelo que produzimos, nos tornamos “pessoas-produtos”. O próprio jogo institucional nos classifica em pesquisadores melhores e piores, medianos e brilhantes, nos distribui em níveis hierárquicos sob siglas bem definidas pelas agências de fomento. Passamos a no olhar com a discriminação que tais classificações acabam por nos conceber. Separamo-nos assim, vaidosamente, uns dos outros, como se estivéssemos submergidos num encastelamento.

Ainda que o racismo seja uma planta daninha, nociva e abjeta, cuja existência incriminamos, repudiamos e cuja natureza analisamos em nossos textos bem-comportados e politicamente corretos, acabamos por reproduzi-lo em nossas vidas vividas. Emancipamos dele em nossas vidas escritas; estas, codificadas em livros e artigos, que ficam disponibilizados nas universidades e nos meios digitais. Tentamos sair intatos em nossa consciência, justificando que, afinal, critérios objetivos nos

dividem, mas esquecemos que eles, os critérios, atendem a interesses políticos e ideológicos que amparam, nesse período histórico, “isso” que chamamos *de estado democrático de direito*.

Difícil pensar em uma escola *para os outros e para todos*, ou seja, em uma escola inclusiva, quando nós mesmos nos isolamos em circunscritos grupos de relações, tornando-os abalizados, e muitas vezes, intransmissível entre si.

Eis uma questão me assenta em desalento. Vou expô-la aqui: o que, afinal, estamos fazendo com o cuidado de si, a partir do conhecimento que produzimos para outras pessoas? Ou, como nos provoca Foucault (1998)

de que valeria a obstinação do saber se ele assegurasse apenas a aquisição dos conhecimentos e não, de certa maneira, e tanto quanto possível, o descaminho daquele que conhece? (p.13)

O retorno transformador do conhecimento para aquele que conhece deve ser uma prática de bastidores e individual, ou seja, deve estar apartado do processo de produção do conhecimento enquanto tal. Esse pensamento, Foucaultiano (1998) responde:

Mas o que é filosofar hoje em dia – quero dizer, a atividade filosófica – senão o trabalho crítico do pensamento sobre o próprio pensamento? (...) O “ensaio” (...) é o corpo vivo da filosofia, se, pelo menos, ela for ainda hoje o que era outrora, ou seja, uma “ascese”, um exercício de si, no pensamento. (idem, p. 13).

Foucault nos acena a filosofar como um exercício de (re) escrita de si, por meio *de práticas reflexivas e voluntárias através das quais os homens não somente se fixam formas de conduta, como também procuram se transformar, modificar-se em seu ser singular e fazer de sua vida uma obra que seja portadora de certos valores estéticos e responda a certos critérios de estilo*.

A importância das Ciências Humanas na produção de conhecimento, no entanto, não para a Educação, mas para nós mesmos, que habitamos os espaços onde, institucionalmente, conferimos materialidade às Faculdades de Educação. Todavia, já avanço: coloquei-me como membro, escrevo como parte dela. Faço parte do jogo que pretendi desnudar.

Perseguindo ainda a ideia de que nossa produção, às vezes, se torna uma compulsão que não nos permite ter tempo de deleitar-se o que produzimos, tento pensar como, usualmente, saímos desse impasse.

Creio que, às vezes, nos iludimos pensando que, quanto mais aprendemos, mais afinados teoricamente ficamos, mais temos o que ensinar às novas gerações. Segunda armadilha: se já sabemos o que ensinar, qual o espaço de criatividade que damos ao aluno? Temos alguma garantia sobre o que, de fato, ensinamos?

A ideia não é nova, basta lembrar Paulo Freire. Todavia, o desejo como o movimento do amante em direção ao preenchimento de uma falta não passível de objetivação pelo amado.

Portanto, a aprendizagem é algo que escapa, que não se pode controlar de fora

mas que se pode propiciar no jogo amoroso de buscas recíprocas de atendimento de desejos, também recíprocos, do professor e do aluno em necessária parceria afetiva.

Arrisco concluir que aquilo que produzimos pode, apenas em parte, atender ao aluno. E, naquilo que atende, talvez não possamos nunca precisar em quê. O que sabemos é ponto de partida de nossa oferta, não é a satisfação da demanda daquele que busca conhecer.

Com isso, o saber e a ciência adquirem um papel ainda mais relevante do que tinham em tempos atrás. As concepções de produção do conhecimento sofrem alterações a cada época, pois cada momento histórico tem seus próprios modelos e suas próprias maneiras de ver, agir e sentir, acompanhados de um novo conceito de produção do conhecimento e, conseqüentemente, do que venha a ser válido e reconhecido. O conhecimento está sempre associado à situação transitória de evolução em que se encontram as sociedades em variadas épocas, determinando e sendo pela situação determinado. Para esse trabalho de reflexão sobre a produção de conhecimento na sociedade da informação abordaremos, inicialmente, o processo de construção de conhecimento, o conhecimento científico e a pesquisa em ciências humanas, mais especificamente em educação, contextualizando, em seguida, com a sociedade da informação e as novas discussões emergentes sobre o conhecimento científico.

Com a perspectiva de Walter Benjamin de que “o acontecimento lembrado é sem limites, porque é apenas uma chave para tudo que veio antes e depois”, fizemos essa pequena inserção empírica no sentido de acrescentar outras vozes na interlocução que viemos fazendo. Conscientes dos limites e desafios que precisamos assumir para aprofundamento deste tema, ficou para nós que: “escrever é isso aí: interlocução”.

No artigo **ESPAÇOS DE VIDA RECONSTRUÍDOS PELA MIGRAÇÃO: NOVAS PRÁTICAS SOCIAIS EM COMUNIDADES RURAIS PIAUIENSES**, a autora LIDIANE MARIAMACIEL buscaram analisar o processo social de mudança desencadeada pelas migrações “permanentemente temporárias” laborais, ocorridas entre o interior estado de São Paulo e interior do estado do Piauí. No artigo **FAXINAIS E RESISTÊNCIA: A ATUAÇÃO DAS POLÍTICAS PÚBLICAS NO FAXINAL DO SALTO. REBOUÇAS/PR, 2000-2015**, os autores Sonia Vanessa Langaro e Valter Martins buscam analisar as características e relações constituintes do Faxinal do Salto, localizado no município de Rebouças/PR. No artigo **FILOSOFIA AFRICANA E A LEI 10.639/2003**, os autores Danilo Rodrigues do Nascimento e Flávia Rodrigues Lima da Rocha buscaram propor uma nova maneira de pensar a origem e as articulações da filosofia, a fim de ampliar a discussão sobre sua procedência para além da Grécia, bem como discutir a aplicabilidade da Lei 10.639/2003. No artigo **GESTÃO ESCOLAR: PLANOS DE METAS OU PLANO ESCOLAR** os autores Andréia Oliveira Ferreira dos Santos e Rosiley Aparecida Teixeira buscam apresentar os resultados parciais de um estudo que surge mediante inquietações sobre uma gestão escolar burocrática e gerencial. No artigo **GRUPO SEGURA FIRME: UMA EXPERIÊNCIA DE PREVENÇÃO E**

TRATAMENTO DA INCONTINÊNCIA URINÁRIA NO CENTRO DE SAÚDE DO IDOSO DE BLUMENAU, as autoras Gisele Cristine Zimmer Samagaia Sabrina Speckart Ribeiro, Camila Amanda Schmoegel Elias trata de um relato de experiência da atividade em grupo realizada no CSI. Neste âmbito foi idealizado por uma estagiária o grupo para orientação e tratamento da incontinência urinária que foi nomeado como Grupo Segura Firme. No artigo **IMAGENS DOS DESTERRADOS E DO ACRE EM CHARGES: REPRESENTAÇÕES, NARRATIVAS E IMAGINÁRIOS**, os autores Higor Vieira de Araújo e Higor Vieira de Araújo e Francisco Bento da Silva, buscam para dialogar com narrativas visuais (charges e fotos) que trazem como temática a expulsão (desterro) de homens e mulheres no princípio do século XX para o Acre.

INDISCIPLINA NA ESCOLA: INVESTIGANDO AS AULAS DE MATEMÁTICA os autores Jonny Lucas de Oliveira e Joyce Jaqueline Caetanolzabel Passos Bonete buscou promover uma discussão sobre o tema, por meio da análise de depoimentos de professores de Matemática, coordenadores pedagógicos e alunos do ensino fundamental de duas turmas, consideradas as mais indisciplinadas, de duas escolas públicas estaduais do município de Irati-PR. A escolha das turmas foi por indicação da direção das escolas. No artigo **LIGA DE GERIATRIA E GERONTOLOGIA (LIGGe) DA UFCSPA: RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UMA PROPOSTA MULTIPROFISSIONAL PARA SUPLEMENTO CURRICULAR E PROMOÇÃO DE AÇÕES E EDUCAÇÃO EM SAÚDE EM ENVELHECIMENTO HUMANO**, os autores Jeovana Ceresa, Nathália Fritsch Camargo, Guilherme Costa da Silva, Tamara Lansini Tolotti, Thayze Maria Marques Torbes, Guilherme Briczinski de Souza, Christofer da Silva Christofoli, Juliane Pinto Lucero, David de Souza Mendes, Mariana Edinger Wieczorek, Eduardo Garcia buscaram estudar sobre o envelhecimento humano no cuidado multiprofissional. No artigo **MEMÓRIAS: REFLEXÕES EM TORNO DA MILITÂNCIA FEMINISTA** as autoras Adriana Lessa Cardoso e Márcia Alves da Silva buscam analisar a inserção no movimento feminista, para tanto analisamos uma narrativa de uma militante, dando visibilidade a sua trajetória de vida e militância, que se iniciou por volta dos anos de 1970, e que de alguma forma abriu espaço para tantas outras feministas. No artigo **Normalidade e diferença: vivências de estudantes de uma escola pública**, as autoras Akeslayne Maria de Camargo, Iris Clemente de Oliveira Bellato, Louise Gomes de Pinho, Emília Carvalho Leitão Biato, Barbara E. B. Cabral buscam discutir sobre a loucura como emblemática do que se considera desviante e inadequado, e busca articular essas concepções às vivências de estudantes em relação ao que tem sido avaliado como desviante e inadequado, atrapalhando o andamento da rotina escolar. No artigo **O ASILO, A ESCOLA E A UNIVERSIDADE: A COEDUCAÇÃO E O PROCESSO DE INTERGERACIONALIDADE**, os autores FLAVIO RIBEIRO DE OLIVEIRA, MARIELE RODRIGUES CORREA buscam analisar os discursos dos relatos produzidos pelas crianças em relação aos encontros com os idosos e os estudantes universitários a fim de compreender aspectos intergeracionais e o papel da coeducação. No artigo **O ENSINO DA DISCIPLINA ESTUDOS AMAZÔNICOS NAS**

ESCOLAS DE SANTARÉM-PARÁ: UM ESTUDO DE CASO SOBRE A TEMÁTICA DA GUERRA DA CABANAGEM, o autor Wilverson Rodrigo Silva de Melo busca analisar como ocorre o ensino de Estudos Amazônicos e, como é abordado o tema da Revolta-Revolução da Cabanagem nas salas de aula das Escolas Básicas de Santarém. No artigo **O ENVELHECER NAS RUAS: AGRAVOS NA SAÚDE FÍSICA E MENTAL E REPERCUSSÕES NO TRABALHO**, os autores Carine Magalhães Zanchi de Mattos, Tamara Rosa Lansini Pereira Tolotti, Bruna Camargo, Guilherme Silva Costa, Patrícia Krieger Grossi analisam os agravos de saúde advindos do processo de envelhecimento nas ruas, como ocorrem e as repercussões destes no trabalho de pessoas com mais de sessenta anos de idade que vivem em situação de rua em Porto Alegre. No artigo **O NARCOTRÁFICO COMO FORÇA MOTRIZ DOS HOMICÍDIOS NAS REGIÕES PERIFÉRICAS DA CAPITAL MATOGROSSENSE** os autores Ariadne Mazieri de Moraes e Francisco Xavier Freire Rodrigues buscam analisar a compreensão da dinâmica dos homicídios motivados pelo narcotráfico na região metropolitana da capital Mato-grossense compõe o projeto “Homicídios Dolosos no Centro Oeste brasileiro. No artigo **O PAPEL PEDAGÓGICO NA ATER E SUSTENTABILIDADE: IMPLEMENTAÇÃO DO PROGRAMA DE DIVERSIFICAÇÃO DAS ÁREAS CULTIVADAS COM O TABACO NO TERRITÓRIO CENTRO- SUL DO PARANÁ** os autores TABARRO. Cristiane e AHLERT. Alvorí analisam a importância do papel pedagógico na ATER - Assistência Técnica e Extensão Rural e de princípios da sustentabilidade para o fomento da produção de alimentos mais saudáveis. No artigo **O PROCESSO DE ESTIGMATIZAÇÃO DA LOUCURA E A DISCUSSÃO SOBRE OS DIREITOS HUMANOS DE PESSOAS EM SOFRIMENTO MENTAL**, os autores Alessandra Aniceto Ferreira de Figueirêdo e Rosineide de Lourdes Meira Cordeiro, analisam os discursos de pessoas em sofrimento psíquico sobre a loucura e seu processo de estigmatização. No artigo **OFICINA DO CUIDAR - UMA PROPOSTA DE FORMAÇÃO DE CUIDADOR INFORMAL DE IDOSOS**, os organizadores Fernanda Maria Francischetto da Rocha Amaral e Marcelo Amaro Manoel da Silva, buscou promover a capacitação de cuidadores familiares da área de abrangência de uma Unidade de Saúde do Município de Divinópolis. No artigo **OSTEOPOROSE E ENVELHECIMENTO: DESAFIOS E TRATAMENTOS**, os autores Renata Gonçalves Pinheiro Correa, Anna Raquel Silveira Gomes, Victoria Zeghbi Cochenski Borba buscaram conhecer os principais métodos de diagnóstico da Osteoporose, diretrizes de tratamento da Osteoporose, recomendações de suplementação de Vitamina D e Cálcio e treinamento físico para idosos com Osteoporose se torna muito importante no manejo da doença. No artigo **PEDAGOGIA CRÍTICA: MÚSICA E ALFABETIZAÇÃO EM PAUTA**, autora Andressa Blanco Ramos Bispo a autora busca apresentar um estudo direcionado à melhoria do processo de alfabetização e letramento do público da educação de jovens e adultos, utilizando a música como instrumento mediador do processo de ensino-aprendizagem. No artigo **PERCEBENDO O MUNDO COM UM NOVO OLHAR** as autoras Ana Paula Fernandes Ferreira e Letícia Carolina

Teixeira Pádua buscam pensar, refletir sobre o fenômeno que se revela buscando questionamentos, enquanto que a Geografia Humanista de base fenomenológica permite uma maior aproximação das experiências pessoais.

No artigo **PROGRAMA DE PROMOÇÃO DA SAÚDE BASEADO EM MINDFULNESS PARA O EDUCADOR (MBHP-EDUCA): EXPERIÊNCIAS NOS MUNICÍPIOS DE SÃO PAULO E DE SÃO JOÃO DEL-REI**, os autores Marianna Nogueira Cecyn, Alex Mourão Terzi ,

Marcelo Demarzo, Daniela Rodrigues de Oliveira neste capítulo será discutida uma nova proposta para a educação baseada no cuidado ao professor. Programas Baseados em Mindfulness já são aplicados em escolas da Europa e Estados Unidos para a promoção da saúde da comunidade e para a melhora do ambiente escolar. No Brasil, em projeto de pesquisa inédito e inovador, foi construído um Programa de Promoção da Saúde Baseado em Mindfulness para o Educador (MBHP-Educa – Mindfulness-Based Health Promotion for Educators). Será apresentada brevemente a proposta e a estrutura do programa e os depoimentos de duas experiências: no município de São Paulo – SP e no município de São João del-Rei – MG .

No artigo **UMA EXPERIÊNCIA COM A PESQUISA QUALITATIVA** a autora Rosemary Trabold Nicácio neste artigo discute o percurso metodológico que apoiou minha tese de doutorado dentro da pesquisa qualitativa. Tenho como objetivo socializar as dificuldades iniciais que esse tipo de investigação pode trazer aos novos pesquisadores e algumas reflexões.

Solange Aparecida de Souza Monteiro

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
ESPAÇOS DE VIDA RECONSTRUÍDOS PELA MIGRAÇÃO: NOVAS PRÁTICAS SOCIAIS EM COMUNIDADES RURAIS PIAUIENSES	
Lidiane Maria Maciel	
DOI 10.22533/at.ed.7841924041	
CAPÍTULO 2	16
FAXINAIS E RESISTÊNCIA: A ATUAÇÃO DAS POLÍTICAS PÚBLICAS NO FAXINAL DO SALTO. REBOUÇAS/PR, 2000-2015	
Sonia Vanessa Langaro Valter Martins	
DOI 10.22533/at.ed.7841924042	
CAPÍTULO 3	28
GESTÃO ESCOLAR: PLANOS DE METAS OU PLANO ESCOLAR	
Andréia Oliveira Ferreira dos Santos Rosiley Aparecida Teixeira	
DOI 10.22533/at.ed.7841924043	
CAPÍTULO 4	47
GRUPO SEGURA FIRME: UMA EXPERIÊNCIA DE PREVENÇÃO E TRATAMENTO DA INCONTINÊNCIA URINÁRIA NO CENTRO DE SAÚDE DO IDOSO DE BLUMENAU	
Gisele Cristine Zimmer Samagaia Sabrina Speckart Ribeiro Camila Amanda Schmoegel Elias	
DOI 10.22533/at.ed.7841924044	
CAPÍTULO 5	56
IMAGENS DOS DESTERRADOS E DO ACRE EM CHARGES: REPRESENTAÇÕES, NARRATIVAS E IMAGINÁRIOS	
Higor Vieira de Araújo Francisco Bento da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.7841924045	
CAPÍTULO 6	69
INDISCIPLINA NA ESCOLA: INVESTIGANDO AS AULAS DE MATEMÁTICA	
Jonny Lucas de Oliveira Joyce Jaquelinne Caetano Izabel Passos Bonete	
DOI 10.22533/at.ed.7841924046	

CAPÍTULO 7 78

LIGA DE GERIATRIA E GERONTOLOGIA (LiGGe) DA UFCSPA: RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UMA PROPOSTA MULTIPROFISSIONAL PARA SUPLEMENTO CURRICULAR E PROMOÇÃO DE AÇÕES E EDUCAÇÃO EM SAÚDE EM ENVELHECIMENTO HUMANO

Jeovana Ceresa
Nathália Fritsch Camargo
Guilherme Costa da Silva
Tamara Lansini Tolotti
Thayze Maria Marques Torbes
Guilherme Briczinski de Souza
Christofer da Silva Christofoli
Juliane Pinto Lucero
David de Souza Mendes
Mariana Edinger Wieczorek
Eduardo Garcia

DOI 10.22533/at.ed.7841924047

CAPÍTULO 8 85

MEMÓRIAS: REFLEXÕES EM TORNO DA MILITÂNCIA FEMINISTA

Adriana Lessa Cardoso
Márcia Alves da Silva

DOI 10.22533/at.ed.7841924048

CAPÍTULO 9 91

O ASILO, A ESCOLA E A UNIVERSIDADE: A COEDUCAÇÃO E O PROCESSO DE INTERGERACIONALIDADE

Flavio Ribeiro De Oliveira
Mariele Rodrigues Correa

DOI 10.22533/at.ed.7841924049

CAPÍTULO 10 107

O ENSINO DA DISCIPLINA ESTUDOS AMAZÔNICOS NAS ESCOLAS DE SANTARÉM-PARÁ: UM ESTUDO DE CASO SOBRE A TEMÁTICA DA GUERRA DA CABANAGEM

Wilverson Rodrigo Silva de Melo

DOI 10.22533/at.ed.78419240410

CAPÍTULO 11 117

O ENVELHECER NAS RUAS: AGRAVOS NA SAÚDE FÍSICA E MENTAL E REPERCUSSÕES NO TRABALHO

Carine Magalhães Zanchi de Mattos
Tamara Rosa Lansini Pereira Tolotti
Bruna Camargo
Guilherme Silva Costa
Patrícia Krieger Grossi

DOI 10.22533/at.ed.78419240411

CAPÍTULO 12 129

O NARCOTRÁFICO COMO FORÇA MOTRIZ DOS HOMICÍDIOS NAS REGIÕES PERIFÉRICAS DA CAPITAL MATOGROSSENSSE

Ariadne Mazieri de Moraes
Francisco Xavier Freire Rodrigues

DOI 10.22533/at.ed.78419240412

CAPÍTULO 13	142
O PAPEL PEDAGÓGICO NA ATER E SUSTENTABILIDADE: IMPLEMENTAÇÃO DO PROGRAMA DE DIVERSIFICAÇÃO DAS ÁREAS CULTIVADAS COM O TABACO NO TERRITÓRIO CENTRO- SUL DO PARANÁ	
Cristiane Tabarro Alvori Ahlert	
DOI 10.22533/at.ed.78419240413	
CAPÍTULO 14	148
O PROCESSO DE ESTIGMATIZAÇÃO DA LOUCURA E A DISCUSSÃO SOBRE OS DIREITOS HUMANOS DE PESSOAS EM SOFRIMENTO MENTAL	
Alessandra Aniceto Ferreira de Figueirêdo Rosineide de Lourdes Meira Cordeiro	
DOI 10.22533/at.ed.78419240414	
CAPÍTULO 15	165
OFICINA DO CUIDAR - UMA PROPOSTA DE FORMAÇÃO DE CUIDADOR INFORMAL DE IDOSOS	
Fernanda Maria Francischetto da Rocha Amaral Marcelo Amaro Manoel da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.78419240415	
CAPÍTULO 16	176
OSTEOPOROSE E ENVELHECIMENTO: DESAFIOS E TRATAMENTOS	
Renata Gonçalves Pinheiro Correa Anna Raquel Silveira Gomes Victoria Zeghbi Cochenski Borba	
DOI 10.22533/at.ed.78419240416	
CAPÍTULO 17	190
PEDAGOGIA CRÍTICA: MÚSICA E ALFABETIZAÇÃO EM PAUTA	
Andressa Blanco Ramos Bispo	
DOI 10.22533/at.ed.78419240417	
CAPÍTULO 18	204
PERCEBENDO O MUNDO COM UM NOVO OLHAR	
Ana Paula Fernandes Ferreira Letícia Carolina Teixeira Pádua	
DOI 10.22533/at.ed.78419240418	
CAPÍTULO 19	207
PERCEPÇÃO DE SAÚDE E COMORBIDADES DO IDOSO: PERSPECTIVAS PARA O CUIDADO DE ENFERMAGEM	
Cláudia Fabiane Gomes Gonçalves Samara Maria de Jesus Veras Maria Aparecida de Souza Silva Rebeca Cavalcanti Leal Cynthia Roberta Dias Torres Silva Ana Karine Laranjeira de Sá Valdirene Pereira da Silva Carvalho	
DOI 10.22533/at.ed.78419240419	

CAPÍTULO 20 217

PROGRAMA DE PROMOÇÃO DA SAÚDE BASEADO EM MINDFULNESS PARA O EDUCADOR (MBHP-EDUCA): EXPERIÊNCIAS NOS MUNICÍPIOS DE SÃO PAULO E DE SÃO JOÃO DEL-REI

[Marianna Nogueira Cecyn](#)

[Alex Mourão Terzi](#)

[Marcelo Demarzo](#)

[Daniela Rodrigues de Oliveira](#)

DOI 10.22533/at.ed.78419240420

CAPÍTULO 21 233

UMA EXPERIÊNCIA COM A PESQUISA QUALITATIVA

[Rosemary Trabold Nicácio](#)

DOI 10.22533/at.ed.78419240421

SOBRE A ORGANIZADORA..... 243

O ENSINO DA DISCIPLINA ESTUDOS AMAZÔNICOS NAS ESCOLAS DE SANTARÉM-PARÁ: UM ESTUDO DE CASO SOBRE A TEMÁTICA DA GUERRA DA CABANAGEM

Wilverson Rodrigo Silva de Melo

Universidade de Évora / Instituto Histórico e Geográfico do Tapajós
Santarém - PA

RESUMO: Este presente trabalho tem como objetivos analisar como ocorre o ensino de Estudos Amazônicos e, como é abordado o tema da Revolta-Revolução da Cabanagem nas salas de aula das Escolas Básicas de Santarém. O texto busca ainda, tentar identificar as dificuldades dos docentes em ministrar com clareza e domínio de conteúdo as temáticas amazônicas, em especial a Revolta-Revolução da Cabanagem, por ser um tema de grande relevância social na formação da sociedade amazônica moderna e, na construção da identidade do Nortista, em especial do paraense e amazonense. A proposta metodológica fundamentou-se na pesquisa de campo (onde se definiu um universo de quatro escolas da rede privada, pública municipal, pública estadual e pública conveniada da cidade de Santarém-PA) e; a pesquisa bibliográfica. Apesar de sua significância histórica e cultural, notou-se quão diminuído e lacônico é o tema da Revolta-Revolução da Cabanagem no ensino de Estudos Amazônicos em Santarém, seja devido a ignorância dos professores por não terem domínio de conteúdo e não conseguirem

relacionar com a formação sócio histórica do amazônida; seja pela falta de clareza das ideias dos professores ao não se fazer serem compreendidos pelos alunos; bem como a forma simplória e resumida em que está presente nos livros didáticos.

PALAVRAS-CHAVE: cabanagem. estudos amazônicos. escolas de santarém.

ABSTRACT - This paper aims to analyze how the teaching of Amazonian Studies occurs and how the theme of the Revolt-Revolution of the Cabanagem in the classrooms of the Basic Schools of Santarém is approached. The text also seeks to identify the difficulties faced by the teachers staff in clearly and comprehensively teaching Amazonian themes, especially the Revolt-Cabanagem Revolution, as it is a subject of great social relevance in the formation of modern Amazonian society and in construction of the identity of the Nortista, especially of the Paraense and Amazonian. The methodological proposal was based on the field research (where a universe of four private, municipal public, public state and public schools convenited of the city of Santarém-PA was defined); and in the bibliographic research. Despite its historical and cultural significance, it was noted how diminished and laconic is the theme of the Cabanagem Revolt-Revolution in the teaching of Amazonian Studies in Santarém, whether

due to the ignorance of the teachers for not having content mastery and not being able to relate to the historical subjects formation of the Amazonian; or by the lack of clarity of the ideas of the teachers when not being made understandable by the students; as well as the simplistic and brief form in which it is present in the textbooks.

KEYWORDS: cabanagem. Amazonian studies. schools of santarém.

INTRODUÇÃO

A Guerra da Cabanagem foi o maior movimento de revolta popular na Amazônia brasileira – quiçá do Brasil como afirma Caio Prado Jr (1933). Devido sua cristalização popular, dimensão territorial pela qual se expandiu nas Províncias do Grão-Pará e Rio Negro e seu teor armamentista, a guerra da cabanagem ainda se faz presente nas memórias e correlatos dos amazônidas.

Neste sentido, este presente trabalho tem como objetivos analisar como ocorre o ensino da disciplina de Estudos Amazônicos e, como é abordado o tema da Revolta-Revolução da Cabanagem nas salas de aula das Escolas Básica de Santarém, identificando principalmente as dificuldades dos docentes em ministrar com clareza e domínio de conteúdo as temáticas amazônicas.

É neste ínterim, que a discussão do ensino desta temática nas aulas da disciplina de Estudos Amazônicos em Santarém ganha legitimidade, por assim entender que o ensino deste tema está voltado especificamente para a formação da sociedade amazônica bem como a identidade do nortista, em especial o paraense e amazonense. Tal ponto é fulcral para a concepção de memória e história, onde um povo que não tem memória e a não conserva acaba ficando sem sua própria história ou pelo menos alimentando uma prolixidade em relação a sua etnogênese.

O Trato metodológico empregado no trabalho foi: a) a pesquisa de campo (onde se definiu um universo de quatro escolas da rede privada, pública municipal, pública estadual e pública conveniada da cidade de Santarém-PA) e; a pesquisa bibliográfica (que procurou observar e interpretar a abordagem histórica sobre o tema em algumas coleções de livros didáticos e apostilas utilizadas pelos professores). Posteriormente a esta reunião de informações, ocorreu à análise e sistematização dos dados, ocasionando na tessitura historiográfica do presente texto.

Dito isto, convém entendermos que “o fazer história e o ensinar história” não são campos distintos do saber histórico, ambos encontram-se imbricados e não devem se dissociar, antes devem ser semelhantes “a historiadores e poetas que têm como ofício alguma coisa que é parte da vida de todos: destrinchar o entrelaçamento de verdadeiro, falso e fictício que é a trama do nosso estar no mundo” (GINZBURG, 2007, p.14). E por se tratar de “*res gesta*” presentes nas “*Historie*” [fatos presentes nas narrativas de acontecimentos], “a *Geschichte na um für sich*” [a História em si e para si] segundo Koselleck (2013), apresenta sentidos históricos ligados a uma construção de identidade, que outrora fora alimentada pelas memórias e apropriações sócio-políticas

de memórias.

A REVOLTA-REVOLUÇÃO DA CABANAGEM: UMA SÍNTESE NECESSÁRIA

A Guerra da Cabanagem apresenta-se como um tema de grande relevância para a Historiografia Brasileira na medida em que inaugura a História Moderna da Amazônia e intensifica o processo de identidade pautada num regionalismo que se sobrepõem a noção de nacionalidade em meados do século XIX.

Segundo, Caio Prado Junior (1933, p.137-138), a cabanagem foi “um dos mais, senão o mais notável movimento popular do Brasil. É o único em que as camadas mais inferiores da população conseguem ocupar o poder de toda uma província com certa estabilidade. [...] a primeira insurreição popular que passou da simples agitação para uma tomada efetiva de poder”. Muito, além disso, o antropólogo inglês David Cleary (1998) destacou, que “a cabanagem deve ser pensada como uma das maiores e mais abrangentes revoluções políticas de todo o Novo Mundo”.

Nas trilhas de Veríssimo e Raiol (1970), concordamos que o processo de aculturação português, a imposição de escravidão indígena, a condição de subserviência religiosa e os conflitos tribais contribuíram sim, de forma direta, para a erupção de insurreições e motins protagonizados pelos indígenas contra os seus “senhores” - a Igreja e o Estado, ou pelo menos contra os agentes institucionais que as representavam.

No entanto, tais acontecimentos não podem ser consideradas como únicas variáveis, nesse longo processo que desencadeou a eclosão da Cabanagem em 1835, haja vista que, “o cenário de tensões emergidos no Pará desde os tempos coloniais foi produzindo ‘rusgas’, que, como um barril de pólvora, estava preste a estourar cada vez que algum movimento de rebelião deflagrava na província paraense” (MELO, 2017b, p. 10).

Cabe, porém, destacar que as ações contestatórias e insurgentes no Grão-Pará foram semelhantes a um vulcão, em que aqui e ali estremeciam a sua base sólida, outras vezes prenunciava apenas uma emissão de cinzas, até que finalmente entrou em estado de erupção e saiu destruindo tudo ao seu redor, provocando o renascer e recomeço de nova estrutura ao seu derredor - é assim que devemos observar todas as variáveis e condicionantes que propiciaram em longo prazo a eclosão da Cabanagem.

A Revolta-Revolução da Cabanagem foi mais uma culminância do que um ponto de partida. No emaranhado de tensões sociais desde o período colonial, a eclosão da Cabanagem significou o estopim de um processo de tensão sócio-político e econômico fruto da administração Lusa e posteriormente brasileira nata e adotiva, que impôs a população marginal paraense uma condição de subalternidade. A Cabanagem foi uma guerra proveniente da luta de classes, da condição sócio-econômica em que se achava a Província. Foi uma luta do oprimido contra o opressor, da aristocracia luso-paraense contra os marginais paraenses natos (MELO 2017a, p. 170-171).

Nesse sentido, as insurgências tal qual erupções do micro tecido social do Pará e as rusgas que foram desenvolvidas pelo grande teor revolucionário da Cabanagem na Amazônia, são antes de qualquer coisa, ramificações das lutas patrióticas.

Dessa forma, podemos conceber que a apropriação destes discursos, “a galvenização das diferentes classes e ideias de liberdade, as rusgas, os sentimentos antilusitanos grãoparaenses e, os sentidos de anticolonialismo e patriotismo nutrem as redes de sedições e criam condições propícias para a eclosão da Cabanagem” (MELO, 2017b, p. 11).

A DISCIPLINA DE ESTUDOS AMAZÔNICOS: ALGUMAS PROBLEMATIZAÇÕES

Para Chevallard (1991), a noção de disciplina escolar está ligada a um processo de transformação e recriação de saberes, numa relação onde estão envolvidos os diversos agentes e dispositivos, que atuando em diferentes instâncias transformam saberes sociais de referência em saberes escolares, sempre considerando a produção e apropriação das dimensões historiográficas, sociais e culturais.

A disciplina estudos amazônicos surgiu no Estado do Pará na década de 90, num contexto em que a função social da escola estava mais solidificada com os debates curriculares entorno de uma regionalidade que se invisibilizava em detrimento de uma história nacional. As políticas de integralização do currículo regional ao nacional e, a proposta de um ensino que privilegiasse o viver em sociedade numa perspectiva intercultural entre história, natureza e desenvolvimento, protagonizou as propostas curriculares no Pará no fim do século XX.

Tal disciplina escolar possui como problema a falta de uniformização de um currículo com conteúdos programáticos bem definidos para tal disciplina escolar, isto porque a Secretaria de Educação do estado ainda não conseguiu produzir um “Livro Didático”, que se faça presente em todas as instituições escolares do Estado do Pará (escolas municipais, estaduais, particulares e conveniadas nas zonas urbanas e rurais e nas modalidades regulares, EJA e multissérie) e que contemple as discussões interdisciplinares sobre a História e Geografia da Amazônia.

Pereira (2014) destaca que existem três tipos de currículo: o formal, o real e o oculto. O currículo formal é aquele que é estabelecido pelo sistema de ensino, o documento oficial comum para todas as escolas que cede abertura para as especificidades de cada localidade. O currículo real é aquele que passa a ser trabalhado no ambiente escolar de acordo com a realidade dos alunos, no cotidiano tanto das ideias dos professores como das percepções que os alunos fazem do currículo formal. O currículo oculto serve para transmitir o que não está explícito no currículo formal, é através dele que os professores procuram atender a tudo o que não contempla a realidade local.

As definições sobre o tipos de currículo podem variar entre os autores (PEREIRA, 2014), e essas diferenças conceituais envolvem questões práticas e teóricas. O

currículo deve ser formulado de forma flexiva visando atender as necessidades dos educandos em todos os aspectos necessários para sua aprendizagem, já que ele é o principal agente do processo de ensino aprendizagem.

Assim, de acordo com o que foi visto pode-se entender que o currículo é o percurso que leva a aprendizagem, mas é importante que o ambiente educacional o formule de acordo com as necessidades dos educandos, levando em consideração suas limitações, por isso o currículo deve ser flexível para atender a todos. (PEREIRA, 2014, p. 19).

Entretanto, como definir um currículo para Estudos Amazônicos, se não há uma uniformização? A disciplina de Estudos Amazônicos possui uma historiografia geohistórica e dentro desta uma multiplicidade de narrativas, pois, devido a falta de um “Livro Didático” uniforme para as escolas e devido as diferentes formações dos professores (História, Geografia, Sociologia) que ministram a disciplina, ocorre a produção independente de materiais didáticos elaborados pelos respectivos professores desta disciplina, para ministrarem seus conteúdos em sala de aula, resultando em múltiplas formas de ensinar a disciplina em questão.

Não obstante, quando problematiza-se uma história da Amazônia por meio de aspectos e elementos que estão presente no cotidiano do sujeito amazônida, seja em aspecto material, espacial, mnemônico ou simbólico, instiga-se os alunos a refletirem que são protagonistas da história e que a história está em todo lugar, não somente materializada numa escrita da história.

E nesse sentido, no que concerne ao conceito de “história local”, Bittencourt ressalta que “a história local tem sido indicada como necessária para o ensino por possibilitar a compreensão do entorno do aluno, identificando o passado sempre presente nos vários espaços de convivência - escola, casa, comunidade, trabalho e lazer - igualmente por situar os problemas significativos da história do presente.” (2009, p. 168).

Nesse sentido, a História Local/Regional que se materializa na disciplina de Estudos Amazônicos, torna-se um espaço/tempo do ensino das sociabilidades marcadas pelos distanciamentos-proximidades e continuidades-rupturas, protagonizadas pelo sujeito histórico amazônico em diferentes temporalidades e, numa relação de tensionamento e capilaridade com a História nacional/global.

Esta “configuração Local/Regional da história” mantém relações de distanciamentos e proximidades com a chamada história nacional. Tal configuração regional da disciplina de Estudos Amazônicos, faz parte do invólucro de uma história em migalhas, sendo partícipe de uma teia historiográfica que busca compreender uma história macro a partir das micros, ou seja, as relações se que configuram entre o Ensino da Geo-História da Amazônia e o Ensino da História do Brasil, são relações de poder que nomeiam, inventam, produzem sentido, visibilidade e reconhecimento das ações humanas num determinado espaço físico e espaço de memória.

Daí a importância de se construir conteúdos programáticos da disciplina de Estudos

Amazônicos, baseados em fontes e textos geohistóriográficos. Evitando a construção reprodutora do conhecimento histórico escolar, oriundo de uma transposição didática das pesquisas e saberes acadêmicos.

Neste apanágio, fica evidente que os historiadores querem “apresentar outras histórias diante as tensões envolvidas entre o local e o global, no momento em que o ensino de História é colocado em pauta como espaço de reflexão sobre a realidade” (CAIMI, 2015, p.17).

ACHADOS DA PESQUISA: ALGUNS APONTAMENTOS

Na cidade de Santarém-PA, nos quatro tipos de escolas de regimes diferenciados (municipal, estadual, privada, regime conveniado) foi observada uma relação de equivalência quanto aos métodos e aportes teóricos utilizados pelos professores de História e Estudos Amazônicos.

No que tange a temática da Guerra da Cabanagem no decorrer de todo seu processo revolucionário, na maioria dos casos, os professores se furtam de explanar o processo da cabanagem na perspectiva de uma evolução revolucionária. Quando iniciam o tema da cabanagem o fazem relacionando ao processo de Adesão do Pará a Independência em 1823.

De igual modo, posterior a isso, alguns professores trabalham a eclosão do movimento armado nas ruas de Belém no ano de 1835, sua repressão por Soares D’Andréa e a formação do corpo de trabalhadores no Pós-Cabanagem (para evitar a ociosidade e um novo levante insurreto). Acabam deixando de lado assim, as discussões ímpares sobre os bastidores da revolução como a revolta de Cameté em 1824; o racha político entre Bernardo Lobo de Sousa e Batista Campos a partir de 1831 (e que consequências isto irá gerar no Baixo Amazonas com as viagens políticas de Batista Campos) e o deslocamento das tropas cabanas da capital para o Baixo Amazonas a partir de 1836 até sua derrocada em 1840 já em Maués.

Mas a que se deve essa abstenção em trabalhar um movimento social da Amazônia nas cidades amazônicas na contemporaneidade? Por se tratar de uma parte da História Regional do Brasil, não deveria ser trabalhado com maior ênfase nas cidades que compõe a região protagonista? Se na própria região onde eclodiu a cabanagem o déficit e o laconismo é perceptível, o que dirá do ensino desta revolta/revolução nas demais regiões do Brasil?

Quanto a essas inquietações, devemos refletir e depurar a priori sobre a formação dos professores. É cada vez mais cedo que jovens tem adentrando as universidades e, na maioria dos casos ainda estão num processo de maturação sobre sua escolha profissional e, quando decidem por uma determinada área do conhecimento acabam iniciando sua trilha de formação profissional muito aquém do esperado pelo nível educacional superior.

Este processo de maturação do pensamento profissional na mentalidade deste recente calouro acaba por contribuir para um déficit na primeira parte de sua formação profissional – claro que neste universo estudantil como em qualquer situação, existem algumas exceções.

Não obstante, ao sair das universidades, engana-se o jovem formado ao pensar que saiu pronto e acabado da academia, sendo “detentor de todo conhecimento” possível para exercer sua prática docente. De igual modo não devemos alimentar o discurso de que as universidades têm preparado mal os profissionais que atuarão na prática docente, em especial aqui os licenciados em História e em Geografia, pois não é função da universidade reunir todo o conteúdo de história e Geografia e, impregnar na mente dos acadêmicos, isto além de ser impossível seria algo arbitrário e desumano, por não levar em conta a construção do conhecimento entre alunos e professores.

É papel sim das universidades, ensinar os jovens alunos-professores a aprenderem como apreender o conhecimento histórico, respeitando suas teorias e metodologias inerentes à prática docente, no processo de historiografar os fatos vindouros da História do Tempo Presente. Mediante isto, ao se depararem com situações contingenciais em seu cotidiano escolar, os novos professores saberão como operar mecanismos analíticos e epistêmicos para a produção de saberes historiográfico e a construção constante de sua formação intelectual.

Tardif, Lessard e Lahaye (1991, p. 227) afirmam que “para os professores, os saberes adquiridos através da experiência profissional constituem os fundamentos de sua competência, (pois) é através deles que os professores julgam sua formação anterior ou sua formação ao longo da carreira”, ou seja, estes profissionais construirão seus aportes teóricos através da sua prática docente, pois é no cotidiano que eles darão conta das temáticas educacionais que lhe são cobradas, “em confronto com suas experiências práticas, cotidianamente vivenciadas nos contextos escolares” (PIMENTA, 1999, p. 29).

Entretanto existe uma lacuna entre o *querer* e o *fazer* história, entre adentrar os meandros dos temas amazônicos - em especial a Cabanagem - e encontrar subsídios didáticos para tal feito. Infelizmente os livros didáticos que são utilizados em sala de aula, em sua maioria são provenientes de autores e escritores de regiões alheias a região Norte. “Desse modo acabam por contemplar uma ‘História Geral do Brasil’, pois ainda que os livros sejam temáticos e divididos por séries, acabam por generalizar e arregimentar um discurso lacônico sobre os principais temas de história regionais” (MELO, 2016, p. 8).

Ora, sendo o “fazer histórico” mutável no tempo, seu exercício pedagógico também o é. Eu diria que ensinar História é uma atividade submetida a duas transformações permanentes: do objeto em si e da ação pedagógica. O objeto em si (o “fazer histórico”) é transformado pelas mudanças sociais, pelas novas descobertas arqueológicas, pelo debate metodológico, pelo surgimento de novas documentações e por muitos outros motivos. A ação pedagógica muda porque mudam seus agentes: mudam os professores, mudam os alunos, mudam as convenções de administração escolar e

Isto implica dizer, que os professores devem instigar os seus alunos a mergulharem no mundo da leitura historiográfica dos temas amazônicos, associando-os a história e formação político-cultural brasileira, pois antes de ser uma história específica e regional da Amazônia, os principais temas da historiografia social da Amazônia pertencem a noção de unidade e nacionalidade da história brasileira primeiramente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A criação da disciplina Estudos Amazônicos no estado do Pará no fim da década de 90 do século XX, enfatiza a emergência e a necessidade em se pensar as relações e sociabilidades entre tempo, espaço, sociedade, memória, identidade, cultura, meio ambiente e sustentabilidade, como categorias analíticas que vislumbram descortinar os processos de proximidades-distanciamentos e de continuidades-rupturas presentes no âmbito Geo-historiográfico na região amazônica. A proposta desta disciplina encara as questões do tempo presente como um elemento central nas discussões em sala de aula, historiografando e reinventando outras representações cartográficas e historiográficas sobre o ensino da História regional, em interseção com o ensino da História nacional e globalizante.

As dificuldades em se trabalhar os temas de História da Amazônia nas escolas básicas de Santarém advém muito da questão dos livros didáticos que ainda hoje são elaborados de uma forma generalizada para o país, não levando em consideração as especificidades e/ou regionalismos. Sobretudo, marginalizam alguns temas em detrimento de outros, devido seu caráter popular-revolucionário, estabelecendo uma discussão generosa para alguns temas e preconizando o laconismo literário sobre outros - neste caso em especial destacamos a Guerra da Cabanagem o maior movimento popular revolucionário do Brasil.

Outro problema, que se apresenta como dificuldade para trabalhar a disciplina de Estudos Amazônicos, é a falta de uniformização de um currículo com conteúdos programáticos bem definidos para tal disciplina escolar, isto porque a Secretaria de Educação do estado ainda não conseguiu produzir um “Livro Didático”, que se faça presente em todas as instituições escolares do Estado do Pará, independentemente das modalidades de ensino (regular, EJA e multissérie).

Um terceiro fator e que se mostra alarmante no processo de ensino da disciplina de Estudos Amazônicos, é a ignorância de profissionais da educação em não discutir de forma minuciosa os temas da História e Geografia da Amazônia, tais como a Cabanagem, que foi um dos grandes responsáveis pelo alvorecer da História Moderna Amazônica e, contribuiu na formação da dinâmica sociocultural da região, bem como no processo de construção de identidade do amazônida.

O caso da Amazônia no âmbito da História Regional não foge a regra, pois em

geral, o máximo que se encontra sobre a Cabanagem nos livros didáticos de Santarém são duas laudas – com exceção de alguns professores que no invólucro desta carência bibliográfica produzem materiais didáticos que contemplam uma discussão substancial dos temas históricos amazônicos.

Nesse sentido, afirmamos que o professor não deve ser dependente do livro didático, sua formação acadêmica lhe preparou para todas as inconstâncias que iriam surgir em sua prática docente, na medida em que ele foi formado para “aprender a apreender” sobre os arcabouços presentes no processo histórico e historiográfico. Assim o professor pode passar a ser um construtor de conhecimento e produtor de seu material didático referente aquilo que os livros didáticos produzidos generalizados no Brasil demonstram seu caráter lacônico e *simpliciter*.

Partindo de tais pressupostos, importa compreender que os saberes necessários ao ensino são reelaborados e construídos pelos professores em confronto com suas experiências docentes, vivenciadas e praticadas no âmbito escolar. E nesse confronto, há um processo coletivo de troca de experiências entre seus pares, o que permite que os professores a partir de uma reflexão na prática e sobre a prática, possam constituir seus saberes necessários ao ensino, ou seja, ninguém nasce professor ou sai da universidade professor, é no cotidiano escolar, na prática docente, que nos fazemos professor - e mediante nossa autonomia, conseguimos produzir materiais didáticos, que facilitam o ensino de temas como a Cabanagem, na disciplina de Estudos Amazônicos em sala de aula.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Aline Patrícia da Silva. et. al. **Manual para normalização de trabalhos acadêmicos**. Canoas: Ulbra, 2006.

CAIMI, Flávia. Investigando os caminhos recentes da história escolar: tendências e perspectivas de ensino e pesquisa. In: ROCHA, Helenice; MAGALHÃES, Marcelo; GONTIJO, Rebeca. **O ensino de História: cultura histórica e usos do passado**. Rio de Janeiro: FGV, 2015.

CHEVALLARD, Yves. **La transposition didactique**. Grenoble: La Pensée Sauvage. 1991.

CLEARY, David. Lost Altogether to the Civilized World: Race and the Cabanagem in Northern Brazil, 1750 to 1850. In: **Comparative Studies in Society and History**, v. 40, n. 1, p.109-135. Jan. 1998.

GINZBURG, Carlo. **O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício**. Tradução de Rosa Freire d'Aguiar e Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

KARNAL, Leandro (org.). **História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas**. 6. Ed. São Paulo: Contexto, 2010.

KOSELLECK, Reinhart [et al.]. **Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos**. Tradução de Wilma Patrícia Maas, Carlos Almeida Pereira; revisão da tradução Cesar Benjamin. Rio de Janeiro: Contraponto; Ed. PUC-Rio, 2006.

_____. **O Conceito de História**. Tradução de René E. Gertz; revisão da tradução Sérgio da Mata.

Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013. (Coleção História e Historiografia, 10).

MELO, Wilverson Rodrigo Silva de. **Tempos de Revolta no Brasil Oitocentista: ressignificação da Cabanagem no Baixo Tapajós (1831-1840)**. 1. ed. Curitiba: CRV, 2017.

_____. Patriotismo e Antilusitanismo na Amazônia Oitocentista: ensaio sobre a Rede de Sedições na Revolução da Cabanagem no Grão-Pará (1831-1840). In: **SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA: Contra os Preconceitos: História e Democracia**, 29., 2017, Brasília. **Anais...** Brasília: UNB, 2017. p. 1-13. Disponível em: https://www.snh2017.anpuh.org/resources/anais/54/1502851668_ARQUIVO_PATRIOTISMOEANTILUSITANISMONAAMAZONIAOITOCENTISTA.pdf Acesso em: 18 dez. 2018.

_____. O Ensino de História da Amazônia: algumas reflexões sobre Ensino de Estudos Amazônicos e da produção e uso dos livros didáticos em sala de aula. **Sobre Ontens**, v.14, p.1-16, 2016. Disponível em: http://https://drive.google.com/file/d/0B2WV50h_2OqQUUwQIVCWFFiZ2M/view?pref=2&pli=1 Acesso em: 18 dez. 2018.

PEREIRA, Priscila. **O Currículo e as Práticas Pedagógicas**. Itapeva – SP. 2014.

PIMENTA, Selma Garrido. Formação de professores: identidade e saberes da docência. In: _____. (Org.). **Saberes pedagógicos e atividade docente**. São Paulo: Cortez, 1999.

PRADO JR., Caio. **Evolução Política do Brasil: Ensaio de Interpretação Materialista da História Brasileira**. São Paulo: Empresa Gráfica 'Revista dos Tribunais', 1933.

TARDIF, Maurice; LESSARD, Claude; LAHAYE, Louise. Os professores face ao saber – esboço de uma problemática do saber docente. **Teoria & Educação**, Porto Alegre, n. 4, 1991.

SOBRE A ORGANIZADORA

SOLANGE APARECIDA DE SOUZA MONTEIRO Mestra em Processos de Ensino, Gestão e Inovação pela Universidade de Araraquara - UNIARA (2018). Possui graduação em Pedagogia pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras Urubupunga (1989). Possui Especialização em Metodologia do Ensino pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras Urubupunga (1992). Trabalha como pedagoga do Instituto Federal de São Paulo campus São Carlos (IFSP/ Câmpus Araraquara-SP). Participa dos núcleos: -Núcleo de Gêneros e Sexualidade do IFSP (NUGS); -Núcleo de Apoio às Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas (NAPNE). Desenvolve sua pesquisa acadêmica na área de Educação, Sexualidade e em História e Cultura Africana, Afrobrasileira e Indígena e/ou Relações Étnico-racial.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-278-4



9 788572 472784